



## **DISCURSOS DE GREGÓRIO DE MATOS E GUERRA: A INDIANIDADE SATÍRICA E A CONCEPÇÃO DE SOCIEDADE BAIANA SEISCENTISTA**

Taís Temporim de Almeida<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Graduanda em História pela Universidade do Sagrado Coração. Artigo realizado para as disciplinas de História do Brasil I, História da América II e História Moderna I, realizado sob a orientação dos Professores: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lourdes M. G. C. Feitosa, Prof<sup>a</sup> Ma Nair L. R. Nassarala e Prof<sup>o</sup> Me Fábio Paride Pallotta

### **RESUMO**

Por meio de uma breve discussão historiográfica assomada da análise de documentos literários, esse artigo busca apresentar Gregório de Matos e Guerra e sua particular produção satírica. Inserindo elementos da oralidade colonial na prosa Barroca, Matos e seu foco de composição, nesse artigo analisados, permitem reconhecer determinados aspectos sociais dos seiscentos evidenciados pela sátira Gregoriana, esses remetendo-se a aplicabilidade no estudo histórico

**Palavras-chave:** Literatura Barroca. América Ibérica. Bahia Seiscentista. Gregório de Matos.

### **INTRODUÇÃO**

Gregório de Matos, autor seiscentista cercado de grande polêmica em vida na sua Bahia, hoje é considerado um dos grandes expoentes do período Barroco, e sua obra ganha grande notoriedade quando analisada pelos diversos campos acadêmicos. Com produção singular em diversos aspectos, nesse artigo enfocaremos nossos olhares no pioneiro uso feito por Matos de elementos indígenas na produção literária do século XVII, e como essa inserção léxico-gramatical pode ser alvo de análises historiográficas acerca do período de sua produção histórico-literário.

O estudo histórico durante vasto período concentrou-se sobre a chamada História Oficial e/ou História dos Acontecimentos. Oriunda de documentos oficiais, essa dedicava-se a estudar grandes nomes associados à política, exércitos e aos grandes acontecimentos da História. Perdurando por tantos anos, esse tipo de História, no século passado, começou a ceder espaço a uma reformulação do saber histórico quando a Escola dos Annales rompeu com a Historiografia tradicional.

Essa reformulação cedeu espaço às novas fontes, novos olhares e, principalmente, aos novos protagonistas; isto posto, uma evidente ampliação das noções preestabelecidas acerca

de fonte e documento foi proposta pelos vanguardistas dos *Annalles*. Dessa forma, ampliou o leque de opções de documentos e fontes, do mesmo modo que ciências análogas à História, como muito que tinham a oferecer, começaram a ser usadas em conjunto a essa, a fim de que um conhecimento mais abrangente e próximo do passado fosse formado.

Literatura e História, como produtos das ciências humanas, têm muito em comum em seu trabalho, e permitem ao Historiador conceber noções através de um novo olhar. A literatura, em suas Escolas Literárias, características e contextos de produção, é compreendida como uma representação da realidade do meio em que essa se produz, dessa forma, é rico material ao estudo da História desse período. Sendo as duas ciências produtos de seu tempo e, principalmente, dos homens viventes desse tempo, muito têm a dizer quando articuladas com fins históricos.

História e Literatura, unidas nesse artigo, buscam desconstruir e/ou enxergar a partir de nova ótica, dados pressupostos a que ao período dos seiscentos atribui-se. A sociedade existente em solo colonial, as formas de aculturação que se deram, a significação da literatura produzida no Brasil Seiscentista, seu demérito desconexo, entre outros são alguns desses pressupostos que por muito permaneceram na Historiografia corrente.

A partir de tais premissas, esse artigo buscou através da articulação entre a Literatura Barroca, produzida nos versos de Gregório de Matos e Guerra, e produções acadêmicas históricas, trabalhar com o período do Seiscentos e sua ligação política social expressa nos versos gregorianos. Dessa forma, com tais proposições e essa nova ótica evidenciada, a análise de obra gregoriana nos oferece espaço de atuação, no qual, através de estudos literários dessa, poderemos construir novos saberes históricos sobre o período.

Com atentos olhares voltados à Literatura, se conceberão por fim as análises histórico-literárias a que esse artigo se propõe. A escolha por Matos e sua prosa evidenciam-se pelas ricas contribuições que essa traz, muitas vezes implícita, em seus versos, fazendo de sua prosa “a fonte que melhor revela a opinião da época sobre os desembargadores [...]” (CAMPOS, p. 50 citado por SPINA, 2011). Do mesmo modo que, através de breve discussão historiográfica, busca-se encontrar em Matos e sua obra informações histórico-literárias além das fornecidas pela tradicional história documental, deixada para trás com os *Annales*.

## **BARROCO E LITERATURA SEISCENTISTAS: EUROPA E COLÔNIAS IBERO-AMERICANAS**

O século XVI e seus posteriores se mostram muito peculiares quanto a diversos aspectos na Europa. Remetem-se a essa fase da História Moderna crises espirituais, morais e culturais, o Renascimento e sua posterior implicação na re-fundamentação de horizontes e estudos. Galileu, Bacon e Descartes, sendo próprios desse período e de toda essa transformação em solo europeu, são aqui encontrados como pensadores que buscaram deixar para o horizonte religiosamente voltado ao céu, substituindo-o por um mais próximo à Terra (SILVEIRA, 1986).

A pérola de forma/tamanho irregular da literatura - o Barroco, assim nomeado por Burckhardt já nos Seiscentos, foi embrionado na Espanha, originado na Itália e difundido por toda a Europa Central (SILVEIRA, 1986). Inicialmente, o termo “Barroco” aplicou-se apenas à Arquitetura e às obras da pintura e escultura. Posteriormente, considerou-se plausível sua aplicação também em expressões artísticas além da ramificação arquitetônica, atendendo assim expressões artísticas variadas encontradas do século XVI ao XVIII.

Em Portugal, data-se seu desenvolvimento do início do século XVII e sua extensão já exaustiva aos setecentos, cronologicamente sendo delimitado por diversos literatos ou historiadores com seu início voltado à morte de Camões em 1580, e seu fim por volta de 1700 com o advento do Rococó e do Neoclassicismo. No entanto, delimitar fins ou inícios a tal movimento literário se mostra uma tentativa exaustiva, extensa e sem grandes consensos, uma vez que “não é possível ainda estabelecer acordo sem rugas sobre os limites do barroco” (RAMOS, 1979, p. 3). Porém, um número simbólico de estudiosos parece concordar com a datação estabelecida.

Portugal, durante o século XVII, se via na periferia da chamada Europa culta. Submisso à Espanha pela União das Coroas (1580-1640), mantinha-se em seus territórios sucessivas disputas armadas, censuras constantes e fortíssimas a determinadas obras e a escassez de novidades chegando ao país. Nesse cenário, o Barroco Português se formou com dadas especificidades, essas atendendo anseios gerais da época e a circunstâncias particulares (SILVEIRA, 1986). Fato esse que se estende também à sua colônia americana. O Brasil, em seus anos iniciais de colonização e também em parte dos séculos seguintes, se viu

praticamente iletrado, sem desmembramentos de movimentos literários ou qualquer expressivo incentivo de sua metrópole para que o inverso ocorresse.

O Brasil Colonial, em 1601, com “Prosopopeia” de Bento Teixeira (1561-1618?), inicia o segundo de seus períodos literários: o Barroco, esse se estende até o advento de Cláudio Manuel da Costa, por volta da segunda metade do século XVIII. Substituto do Quinhentismo histórico-informativo de Pero Vaz de Caminha e a Literatura Jesuítica de Padre Anchieta, o Barroco brasileiro é o primeiro movimento que passa a escrever no Brasil e sobre ele, sendo esse seu principal diferenciador frente aos demais movimentos literários da Era Colonial.

[...] uma nova época se abria para a vida literária no Brasil. ‘Nova’- explicita o historiador – ‘porque, depois de dois séculos de atividade intelectual episódica e desestimulada pelo desinteresse do governo, passávamos, finalmente, a ter essa atividade animada e protegida pelo poder real, e a tê-la organizada em termos de uma coordenação de esforços e no sentido de um determinado fim’. (RAMOS, 1979, p. 8).

Nesse novo contexto a colônia passa a oferecer espaço para a atuação de um dos nomes mais conhecidos do período, e fonte de inspiração para o ferrenho crítico do período dos setecentos, Gregório de Matos e Guerra. Matos e sua sátira feroz passam a atuar na Bahia colonial seiscentista.

A Gregório atribui-se técnica verbal rica, unindo cultismo e conceptismo à tradição oral brasílica, e ao culto e importado português da metrópole europeia, imaginação e independência estilísticas únicas, curiosidade e crueldade debochadas, ao lado de duras críticas à sociedade baiana dos comerciantes, dos corruptos e do clero seiscentista. Segundo Spina (1980), Matos foi o primeiro jornal que fez circular cópias de mão em mão na então sem imprensa colônia. Recebendo boa reputação, chegou, ainda segundo esse, a produzir mais produtos que os sermões Vierianos. Nesse sentido, atribui-se ao poeta caráter popular, onde sua audiência recebia olhares de intelectuais simultaneamente aos de todas as camadas sociais a sua volta. Seja por apossar-se de temas e ritmos poéticos e musicais populares, seja por seus recursos técnicos com traços herdados da Renascença, Matos ressoou em sua existência literária. (CAMPO, 2011, p. 69).

Notavelmente, tem-se em Matos ícone da identidade barroca brasileira na Literatura, e atribui-se - com méritos - ao Movimento Barroco o início da formação da literatura. Mesmo

sendo considerado por muitos o primeiro poeta de inquestionável importância maior na Literatura Brasileira, Gregório seguiu esquecido e deixado de lado em cronologias da literatura brasileira e quando citado, feito muito esporadicamente<sup>2</sup>, até o século XIX, no qual o advento do Romantismo lhe permitiu espaço.

Embora esse esquecimento da figura gregoriana e sua obra tenham permanecido sem expressivas refutações, Campos (2011), em seu ensaio, nos permite reconhecer a ampla e incontestável presença poética e histórica de Matos, tornando impossível e incoerente esquecer ou “sequestrar” (termo constantemente por Campos utilizado) tão importante expressão barroca da Literatura Brasileira, e de seu início enquanto História Literária. Deixar de lado a óbvia “significação como reflexões acuradas sobre a vida brasileira do século XVII” (CAMPOS, 2011, p. 61) implica esquecer-se desse autor que pode reconstruir com grande fidelidade o retrato da sociedade brasileira seiscentista, explicitando reflexos da sociedade e opiniões dessa, substituindo/complementando as informações históricas tradicionais.

Simultaneamente a Matos o Barroco americano encontra na América Ibérica expoentes singulares. Na América Portuguesa nomes como Vicente Salvador (1564-1636) e Padre Antônio Vieira (1608-1697) são dignos de nota, e ocupam lugar de destaque junto aos vizinhos da América Hispânica, o colombiano Hernandes Domínguez Camargo (1606-1659), a mexicana Sor Juana Inés de la Cruz (1651-1695) e o peruano Juan del Valle Caviedes (1645-1697). Nesse contexto, entre tais nomes, Matos, Sor Juana e Caviedes formam os três mais expressivos poetas do Novo Mundo no século XVII (CAMPOS, 2011).

Caviedes, assim como Gregório, produziu no século XVII, mas para sua infelicidade foi apenas postumamente publicado (assim como parte da obra gregoriana). Apesar do intervalo de cerca de duzentos anos, entre sua produção à efetiva publicação, não lhe foi retirado o conferido caráter de destaque no Peru colonial. Embora com amplo reconhecimento popular e antiacadêmico, tal fato não lhe impossibilitou de seu reconhecimento como expoente literário do Novo Mundo seiscentista.

Sor Juana, por sua vez, faz em seus escritos uso frequente de metáforas, insistências de linguagens, redundâncias e demais peculiaridades gramaticais que lhe fazem ser foco de análise em tempos atuais, assim como de apontamentos quanto sua permanente influência

---

<sup>2</sup> Ferdinand Denis, de acordo Campos, menciona Matos em seu “Resumo da História literária de Portugal e o Brasil” no século XVII. Sendo essa menção, fato espantoso para a época.

sobre poetisas modernas, junto a demais nomes da poesia feminina da América Hispânica. Silva<sup>3</sup> (2009), em um estudo sobre as vozes femininas na poesia latino-americana (esse inclusive, título de uma publicação sua) faz a seguinte abordagem da fala Cecilianas:

Veremos despertarem muitos, senão todos, dos rasgos peculiares aos poemas de Sórora Juana Inés de la Cruz: – desde as metáforas, como ‘engano colorido’, às insistências da linguagem reiterada em explicações e comparações superpostas, da redundância às graças do inesperado, como esse ‘falso silogismo de cores’, – sem falar no conteúdo do próprio poema, na visão da transitoriedade terrena, no erro da aparência, na sucessão da fenomenologia, que viriam a ser tão particularmente glosados pelas escritoras – e escritores – destes últimos tempos. (MEIRELES, 1959 citado por SILVA, 2009).

É visível aqui, o caráter influente que a poetisa do Barroco mexicano exerceu a seu período com suas publicações, e posteriormente em autores contemporâneos.

Notavelmente a afirmação que coloca Cavides, Matos e Sor Juana como os três nomes mais significativos do período seiscentista na América Ibérica, e com produções além do realizado por seus colegas, se vê embasada em fatos concretos e coerentes, que lhes permitem tais títulos, assim como dificulta contestações com tentativas de ocultá-los ou diminuí-los em sua relevância histórico-literária.

Desmerecer o caráter singular de Matos, assim como de seus companheiros americano-hispânicos dos seiscentos, inclui esquecer seu aclamado título de Boca do Inferno, o trabalho realizado na extensa obra lírica, satírica e sacro-religiosa do autor brasileiro, tirá-los, os três, de seu merecido espaço literário, esquecendo-se de suas significativas produções literárias com notáveis respingos históricos.

Reconhecido o memorável e incontestável papel de Gregório de Matos e Guerra na produção lírico-histórica dos séculos iniciais da colonização portuguesa na América, voltaremos agora a um aspecto bastante particular da produção gregoriana: a tradição oral incorporada à tradição literária culta transferida da Europa ao continente americano, e sua produção enquanto Literatura.

---

<sup>3</sup> Sobre a influência de Sor Juana em poetas modernos e suas obras: SILVA, Jacicarla Souza da. **Vozes femininas da poesia latino-americana: Cecília e as poetisas uruguaias** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em <<http://books.scielo.org/id/3vj9m/pdf/silva-9788579830327-10.pdf>> Acesso em 30 mar. 2017.

## A SÁTIRA GREGORIANA E A CONCEPÇÃO SOCIAL BAIANA DO SÉCULO XVII

[...] A maior parte da produção escrita no Brasil colônia durante o século XVI e XVII é de extrema importância para os estudos sociográficos brasileiros, como literatura de informação da terra e da gente, ora puramente descritiva ora de caráter histórico, em que o interesse literário se reduz apenas à elegância da expressão ao colorido local e muitas vezes ufânico de quadros descritivos. (SPINA, 1980).

Dessa forma, nota-se a importância singular da produção escrita no Brasil colônia nos séculos iniciais da sociedade brasileira, e como tais produções servem de fontes aos estudos do período. Compreende-se, portanto, que o poema é um “aspecto histórico” (SANTOS, 2009, p. 310), fato esse que nos permite voltar aos estudos sociais literários do período seiscentista, e conceber como a sátira gregoriana é reveladora de aspectos sociais característicos do período ao incorporar elementos da cultura indígena, e ao produzir versos destinados à população baiana.

A sátira barroca, de acordo com Hassen (1988) denota dado caráter político, no qual essa tinha papel de evidência pública e correção dos vícios. Num cenário de Europa Absolutista, as Coroas Ibéricas Católicas, fazem certo emprego da sátira como meio de manutenção da hierarquia da população, isto é, uso dessa no controle pelo discurso em nome do bem comum.

[...] A sátira barroca seiscentista é política segundo esse duplo registro: funciona como técnica que hierarquiza metaforicamente a segurança da população, encenando seu controle no discurso e pelo discurso. Impondo normas aos corpos de linguagem, ela os interpreta como adequação ou desvio da lei positiva e natural de que se faz emissária, fundamentando a crítica, de direito para a mesma população, a um tempo referencial e destinatário de sua intervenção. Ao propor a correção dos vícios – político no *mau sentido* referido – ela o faz em nome do ideal de bem comum ausente que a enunciação racional efetua, ditando a retificação do que expõe. (HASSEN, 1988, p. 65).

À sátira barroca dos seiscentos, produzida por Gregório de Matos, também atribui-se a encenação da punição, sendo crítica feroz de toda imprudência e peculiaridade moral. Matos evidencia publicamente o monstro moral que é o pecado e o teor de culpa desse, no qual suas palavras recaem sobre religiosos luxuriosos, comerciantes usurários, cristãos-novos,

feiticeiros idólatras, *brichotes* estrangeiros e *mazombas* baianos<sup>4</sup>, que com suas ações buscam seus próprios prazeres e satisfação, em detrimento da desestabilização da concórdia e paz políticas. (HASSEN, 1988).

Apesar de ser um típico representante do Barroco, abarcando características e moldes próprios do movimento, fazendo-os presentes em sua composição artística (cultismo e conceptismo unidos de forma digna de destaque, metáforas, jogos de palavras e de construção, assomado de antíteses), Matos tem expressividade única, na qual sua obra insurge contra o código comunicativo do período. Quando adota à linguagem fixa novos elementos, sai fora da toada comum, seja na linguagem, seja na estrutura que adota (CAMPOS, 2011).

A partir do século XVI o português, língua do colonizador europeu, foi assomando-se de aspectos indígenas e africanos presentes no solo colonial, formando bases para a língua brasileira<sup>5</sup>. A elite colonial brasileira mantinha-se em contato com o português culto, esse língua literária tradicional e conservadora, que permaneceu bom período de tempo como padrões de língua culta, seja pelo contato garantido e pela fixação do idioma culto, seja pela resistência constante a empregar termos da linguagem americana.

Ao se estudar Literatura, atribui-se ao Indianismo dado esquecimento após inserção do português em solo brasileiro, e sugere-se a submissão do indígena e sua cultura frente a do colonizador sem quaisquer dificuldades ou resistências, de forma natural. Essa ideia encontra nos poemas gregorianos fortes elementos de refutação. Isto posto, à poesia do século seguinte, atribui-se certa tentativa de renovação da linguagem, em que se busca deixar para trás o pretense exotismo que acercava o léxico indígena, e inseri-lo na sátira de Matos na Bahia seiscentista.

A miscigenação revelada por Vainfas (1997) apresenta a sociedade colonial não como uma extensão refletida da metrópole. Uma parte dessa, porém, com diferenças próprias entre si, em que a mestiçagem está expressa em seu âmago. Essa coexistindo em línguas, cores e modos de vida. Segundo Vainfas (1997, p. 8), “a dominação portuguesa sobre os índios não excluía a hipótese da ‘indianização’ de colonos [...]”, seria de certo modo falho desconsiderar

---

<sup>4</sup> *Brichotes* estrangeiros e *mazombas* baianos, expressões presentes no parágrafo, remetem a substantivos pejorativos empregados para se referir ao brasileiro estrangeiro, isto é, que não era reconhecido por aquela população como próprio dela.

<sup>5</sup> Sobre a Influência Africana na Língua Portuguesa do Brasil, sugere-se título homônimo da Professora Léa Sílvia Braga de Castro Sá, presente no Livro “As veias negras do Brasil: conexões com a África” (ano), que conta com a organização de Lourdes M. G. C. Feitosa, Pedro P. de A. Funari e Terezinha S. Zanlochi.

a contribuição da população nativa à sociedade em que se viu inserida com a chegada dos portugueses, e às conseqüentes urbanização e construção social que se seguiram. Desse modo, a produção gregoriana apresenta termos que remetem à indianidade. A inserção de elementos indígenas e signos de sua cultura em obras barrocas, traduzem momentos importantes da formação cultural e política do país, no qual a simultaneidade do múltiplo se fez onipresente. Isso permite-nos rever a afirmação que exclui quaisquer demais léxicos, que não o português, do processo de formação da língua brasílica.

De acordo com Jauss e Escarpit (citado por CAMPOS, 2011, p. 47): “[...] todo escritor depende do meio, das concepções e da ideologia de seu público, e que a condição do êxito literário está num livro que ‘exprima o que o grupo esperava, que revele o grupo a si mesmo.’” Gregório de Matos obviamente soube ler seu público e satisfazê-lo com sua crítica ferrenha. Usando a incorporação da oralidade e da possível musicalidade em sua versificação, Matos expressa a realidade local em forma de literatura. A pluralidade sediada na colônia unindo, satiricamente o sangue indígena e o branco do nordeste na forma de caramurú ressoa nos versos gregorianos (SANTOS, 2009, p. 303).

Notoriamente Matos esteve suscetível à língua de seu tempo, mas o gírico popular e a linguagem figurada formam a equação que compõe – juntamente com o culto português - boa parte de sua obra, tornando-a repleta de especificidades e inovações perante o demais produzido no período. Não por acaso Matos inclui o léxico tupi em sua obra; segundo Santos (2009), tal inserção e conseqüente formação do hibridismo gramatical brasileiro estão inquestionavelmente ligadas ao constante aliciamento de Gregório à polêmica. Inserir em poemas seus implica a Gregório a noção de que seus empregos remetem a momentos importantes da cultura e política colonial, nos quais ele versifica rigorosa e fielmente o perfil da sociedade que está diante de seus olhos, sem concessões de privilégios a quaisquer habitantes baianos – marca de sua crítica severa.

Dessa forma, encontra-se aqui espaço para a sátira gregoriana. Em seu soneto intitulado “*Ao mesmo assunto*”, expõe: “*Só sei que deste Adão de Massapé / Procedem os fidalgos desta terra.*”. Finalizando o soneto com tais palavras, Matos remonta a origem da elite colonial. Massapé nos remete ao tipo de solo encontrado no Nordeste brasileiro, assim sendo, o autor busca explicitar a origem da elite baiana como brasílica, diferente da europeia. A elite baiana é apresentada como oriunda de solo americano, associada à linhagem a

“*sangue de tatu*”, de “*idioma Cobepá*” e ascendência “*Aricobé*” e “*Carimá*”, versos esses contidos nos poemas por esse ano artigo analisados.

Embora os termos empregados por Gregório na descrição aos Caramurus baianos estejam divididos em dois sonetos – “*Aos Principais da Bahia chamados os Caramurus*” e “*Ao mesmo Assunto*” -, compreende-se para ambos os mesmos destinatários. Fato este que permite a extensão da análise em uma única para melhor compreensão do contexto satírico.

Em “*A Cosme Moura Rolim Insigne Mordaz contra os filhos de Portugal*”, que aqui também buscamos analisar como evidência histórico-literária, na mesma linha que os dois destinados aos Caramurus baianos, encontramos os mesmos elementos indígenas. O hibridismo presente em “*Um paiá Monai, Bonzo bramá*”, mais adiante em sua versificação constrói a ideia do canibalismo em que está inserida a linhagem do tido fidalgo baiano a quem se destina, constrói concomitantemente a ideia de que esse morda “*aos que provêm de outra Nação*” associando-o ao pretense hábito indígena do qual descende. Nesse mesmo poema, outros elementos do léxico adotado por Matos também estão presentes. “*Greparia do Pegu*”, “*Cairu*” e “*Guinamá*” são elementos plausíveis de citação no decorrer da versificação satírica gregoriana.

Que é fidalgo nos ossos, cremos nós  
Que nisto consistia o mor brasão  
Daqueles, que comiam seus avós.  
E como isto lhe vem por geração,  
Tem tomado por timbre em seus teirós  
Morder, aos que provêm de outra Nação

(A Cosme Moura Rolim Insigne Mordaz contra os filhos de Portugal)

Subentende-se nesse cenário a noção de espaço iletrado inserido no letrado (SANTOS, 2009, p. 306), onde o riso e sátira se põem frente à chamada farsa social baiana através de elementos orais incorporados a fim de expor, os por Matos denominados, fidalgos dessa terra à sua verdadeira origem: a mestiça. Os termos destacados por Gregório, representam cerca de dois terços de seu vocabulário, pelo menos, e seriam de origem africana e tupi, de acordo com Hassen (1988). A escolha pela estrutura do soneto por Matos completa, mais uma vez, a ideia do iletrado no espaço do letrado. O soneto é marca característica de produções literárias com dado rebuscamento, e como Vainfas (1997, p. 37) expressa, “o que pensava e recitava Gregório de Matos na Bahia seiscentista era o que já diziam, sem métrica ou rima os colonos

de nosso primeiro século.”. Assim sendo, Matos as transferiu do campo popular das verificações de maldizer, ao outro, expresso nas características literárias do Barroco.

Encontra-se, dessa forma, na obra gregoriana, aspectos que nos permitem conceber a sociedade baiana que se erigia frente a seus olhos de brasileiro, mas que mantinha grandes assimilações e internalizações europeias, fato esse que lhe dá espaço a mais algumas singularidades enquanto autor e crítico da sociedade baiana. Permite-nos, sobretudo, deixar de lado a concepção de que a sociedade que se construiu nos séculos iniciais era um reflexo da que se tinha em solo europeu. Assim sendo, o outro, representado pelo índio, estava nela inserido, nas camadas mais baixas, assim como também era o descendente das relações luso-indígenas que se deram desde que portugueses, índios e negros se encontraram em solo brasileiro e que passaram a ocupar posições de determinado destaque social.

A oralidade, embora inovadora enquanto transmissora de literatura, esteve expressivamente presente nos seiscentos. Incluso nesse mecanismo transmissor, o aclamado Boca do Inferno, utilizou-se desse como transmissor expressivo de poesia e notícias. Também usando-a em sua versificação, o léxico tupi, que tanto se usou na sociedade colonial, se transferiu e fez-se presente em sua obra. Fatos esses que o tornaram alvo de grande notoriedade em sua vivência histórico-literária, do mesmo modo que aos séculos que se seguiriam, e o reconheceram e aclamaram como grande poeta que foi.

[...] Gregório aprimorou os dotes de poeta lírico satírico; a língua que deu corpo à sua produção literária é a língua de seu tempo, culta mas europeia. No Brasil apenas incorporou ao seu vocábulo lexicográfico a contribuição tupi e africana, vivificada pelo cauda gírico e chulo do tempo e por uma linhagem figurada que aqui fazia despontar o barroco tropical. (SPINA, 1980, p. 71).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao lado de demais questões correntemente associadas à História Colonial Brasileira, aos anos iniciais da Literatura em solo colonial se entende uma implícita desvalorização e exclusão do produzido por alguns literatos, que negam a existência em nossa literatura, até o Modernismo de autores com certo rebuscamento em sua escrita. Ao dar margem a essa pretensa inexistência da literatura brasílica por tanto tempo, se reconhece essa como um galho secundário da suntuosa árvore europeia, e a ideia de imitação literária é proposta, isso quando associações de plágio rondam um dos nomes barrocos brasileiro mais expressivo: Gregório de

Matos e Guerra.<sup>6</sup> Todas essas questões, imperativamente, atribuem à nossa literatura relativo atraso e demérito.

Poeta peculiar em tantos aspectos enquanto autor, Matos, e sua obra, se mostram marcados em cada um de seus versos com o estigma barroco, fazendo desse notoriamente nosso inquestionável primeiro poeta, e com grande importância à Literatura Brasileira. Matos foi pioneiro na inclusão de léxicos tupis na língua culta da colônia, mas também o foi quando se trata de escrever sobre o Brasil de dentro dele próprio, mas com um olhar de certo modo estrangeiro (uma vez que passou considerável tempo na Europa). Sendo brasileiro e passando considerável tempo na Europa a estudos, essa singularidade fez de Matos um nativo de solo brasileiro, mas que enxergava sob ótica diversa as transformações da colônia, o que deu bases únicas à sua poesia em solo colonial.

Se à sociedade colonial, por muito tempo, foi denotado sentido único em diversos conceitos a ela remetidos, por meio dessa breve análise nos foi permitido reconceber cada um desses aspectos. A sociedade brasileira, em tantos versos inserida, se mostra pluriétnica, pela versificação de Matos e também pela discussão historiográfica apresentada por Vainfas (1997). Esses múltiplos seres e viveres coloniais, estendidos também à poesia gregoriana, que de forma meritória se destaca na produção colonial, trazem novo olhar ao período dos seiscentos e a cada uma de suas articulações sociais.

Talvez o olhar irônico gregoriano, tanto acostumado aos ares europeus, e a diferença gritante entre a colônia e a metrópole, tão escondida por àquela sociedade baiana, sejam efetivamente construtores de sua sátira. Obstante é essencial que não se restrinja a tal concepção, para que o sentido buscado no múltiplo colonial não seja substituído por apenas uma premissa. Uma vez que o saber histórico se desenrola acerca de tantos pontos e suas articulações, olhares e saberes, seria equivocado restringi-lo e mantê-lo atrelado apenas a uma premissa dentre tantas outras possíveis.

Por muito tempo Matos foi negligenciado pelos literatos e ainda é permitido conceber, segundo Vainfas (1997), que as observações de maldizer já eram feitas sem métrica por colonos antes de Matos. De certa forma, a posição do autor se mostra coerente e incontestada de acordo com registros por ele usados na composição de sua “Moralidades Brasileiras” e o

---

<sup>6</sup> Sobre refutações às acusações de plágio atribuídas a Matos, ler: CAMPOS. H. Texto e história In: “**A arte no horizonte do provável**”. São Paulo: Perspectiva, 1969. Publicação onde Campos deixa claro que a atividade de tradução para o português de obras complexas de Góngora, não tornam Gregório de Matos plagiário.

esquecimento a Matos atribuído não pode ser desfeito, mas o seu papel nessa sociedade é inquestionável e insubstituível. Isso fica claro quando Campos aponta seu papel nos seiscentos como expoente literário ao lado dos americanos-hispânicos Caviedes e Sor Juana, e mais adiante quando aborda o papel menos refinado e mais comunicativo-persuasivo do barroco produzido por Gregório que afetou de modo tão singular a sociedade em que estava inserido, que não por acaso despertou ódios e foi exilado na Angola.

O papel desempenhado por Matos na Bahia seiscentista foi dúbio quanto ao seu produto. Ao despertar fascínio e atenção nas mais diversas camadas sociais ali presentes, simultaneamente despertou também desconforto dos alvos de sua versificação, fato esse que posteriormente o levariam a Angola em anos de exílio por, com sua poesia, com atuação tão ativa e singular, revela a opinião da época dos seiscentos. Com atuação tão simbólica, se faz muito válida e útil a utilização da produção literária de Matos enquanto fonte histórico-literária à construção de noções e novos saberes sobre o período à nova história.

Esse artigo, por meio de breve discussão historiográfica e embasado na produção satírica de Gregório de Matos e Guerra, buscou a concepção de novos meios de entendimento e estudo histórico, unindo História e Literatura como ciências auxiliares e construtoras de um saber amplo e aberto a novos olhares.

## **DISCOURSES OF GREGÓRIO DE MATOS E GUERRA: SATIRICAL INDIANITY AND THE CONCEPTION OF SOCIETY IN THE XVI CENTURY BAHIA**

### **ABSTRACT**

By means of a brief historiographical discussion, along with the analysis of literary documents, this article aims to present Gregório de Matos e Guerra and his particular satirical production. By the insertion of elements of colonial orality in the Baroque prose, Matos and his composition focus, analyzed in this article, allow for the recognition of certain social aspects of the XVI century evidenced by Gregorian satire, which hold them applicable to this historical study.

**Keyword:** Baroque literature. XVI Century Bahia. Gregório de Matos.

## REFERÊNCIAS

- CAMPOS, Haroldo de. **O Sequestro do Barroco na formação da Literatura Brasileira: o caso Gregório de Matos**. São Paulo: Iluminuras, 2011.
- HASSEN, João Adolfo. Positiva/Natural: sátira barroca e autonomia política. \_\_\_ In: **A sátira e o engenho**, São Paulo: 1988. p. 64-88. Disponível em <<http://books.scielo.org/id/yhzv4/16>>. Acesso em 30 mar. 2017.
- MATOS, Gregório. **Academia Brasileira de Letras**, 2016. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/gregorio-de-matos/textos-escolhidos>>. Acesso em: 30 mar. 2017.
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. Poesia Barroca, In: \_\_\_ **Do Barroco ao Modernismo: Estudos de poesia brasileira**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979. Cap. 1, p. 1-30.
- SANTOS, Luzia Aparecida Oliva. **O percurso da indianidade na literatura brasileira: matizes da figuração** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 447 Disponível em <[http://www.culturaacademica.com.br/\\_img/arquivos/%7BDD183832-0D1B-44A8-BBBF-5141C0458016%7D\\_Percurso\\_da\\_indianidade\\_na\\_literatura\\_brasileira\\_V2-BxRes.pdf](http://www.culturaacademica.com.br/_img/arquivos/%7BDD183832-0D1B-44A8-BBBF-5141C0458016%7D_Percurso_da_indianidade_na_literatura_brasileira_V2-BxRes.pdf)> Acesso em 30 mar. 2017.
- SILVEIRA, Francisco Maciel. **Literatura Barroca: literatura portuguesa**. São Paulo: Global, 1986.
- SPINA, Segismundo; CROLL, Morris W. **Introdução ao Maneirismo e à Prosa Barroca**. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- SPINA. Segismundo. A Língua Literária no Período Colonial: o Padrão Português Gregório de Matos. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. (22); 61-75, 1980. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/69603>>. Acesso em 30mar. 2017.
- TEXTOS Literários em meio eletrônico Obra Poética de Gregório de Matos. **Literatura Brasileira**, 2016. Disponível em: <[http://literaturabrasileira.ufsc.br/\\_documents/\\_formatted/0006-00963.html](http://literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/_formatted/0006-00963.html)>. Acesso em 30 mar. 2017.
- VAINFAS, R. Moralidades Brasileiras: deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista. In: MELLO E SOUZA, L. (Org.) **História da vida privada no Brasil: Cotidiano e vida privada na América Portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. V. 1, p. 222 - 273.

## ANEXO A - Aos principais da Bahia chamados os Caramurús

Há coisa como ver um Paiaiaá  
Mui prezado de ser Caramuru,  
Descendente do sangue tatu,  
Cujo torpe idioma é Cobepá?  
A linha feminina é Carimá  
Muqueca, pititinga, caruru,  
Mingau de puba, vinho de caju  
Pisado num pilão de Pirajá.  
A masculina é um Aricobé,  
Cuja fi lha Cobé, c'um branco Pai  
Dormiu no promontório de Passé.  
O branco é um Marau que veio aqui:  
Ela é uma índia de Maré;  
Cobepá, Aricobé, Cobé, Pai.

## ANEXO B - Ao mesmo assunto

Um calção de pindoba a meia zorra,  
Camisa de urucu, mantéu de arara,  
Em lugar de cotó, arco e taquara,  
Penacho de guarás, em vez de gorra.  
Furado o beijo, e sem temor que morra  
O pai, que lho envasou cuma titara  
Porém a mãe a pedra lhe aplicara  
Por reprimir-lhe o sangue que não corra.  
Alarve sem razão, bruto sem fé,  
Sem mais leis que a do gosto, quando erra.  
De Paiaia tornou-se em abaité.  
Não sei onde acabou, ou em que guerra:  
Só sei que deste Adão de Massapé  
Procedem os fidalgos desta terra.

## ANEXO C - A Cosme Moura Rolim insigne mordaz contra os filhos de Portugal

Um Rolim de Monai Bonzo Bramá  
Primaz da Greparia do Pegu,  
Que sem ser do Pequim, por ser do Açú,  
Quer ser filho do Sol nascendo cá.  
Tenha embora um Avô nascido lá,  
Cá tem três pare as partes do Cairu,  
Chama-se o principal Paraguaçu  
Descendente este tal de um Guinamá.  
Que é fidalgo nos ossos, cremos nós  
Que nisto consistia o mor brasão  
Daqueles, que comiam seus avós.  
E como isto lhe vem por geração,  
Tem tomado por timbre em seus teirós  
Morder, aos que provêm de outra Nação